

Maratonas no Mundial do Brasil

Futebol
AÉREO

No quinto maior país do mundo, em superfície, as 32 seleções participantes no Campeonato Mundial de Futebol percorrem, só na primeira fase, mais de 240 mil quilómetros. Uma dificuldade acrescida, após uma época extenuante.

Quando esta revista chegar às mãos dos leitores, o Campeonato Mundial de Futebol 2014, no Brasil, já estará em pleno andamento. Por outras palavras, a maratona de quilómetros já vai quase a meio, e provavelmente já se fará sentir com mais preponderância o desgaste de muitos jogadores, provocado pelo somar de jogos na época, mas também por este final de temporada cheio de viagens longínquas e mudanças climáticas através de um continente chamado... Brasil.

De facto, este Mundial é, nesse aspeto, o maior de sempre, sobretudo pela dimensão do país (o quinto maior do mundo, com mais de oito milhões de quilómetros quadrados de superfície, quase noventa vezes a área de Portugal) e pela forma como foram escolhidas as cidades-sede, doze no total (mais quatro do que no Mundial de 2010, na África do Sul), de norte a sul.

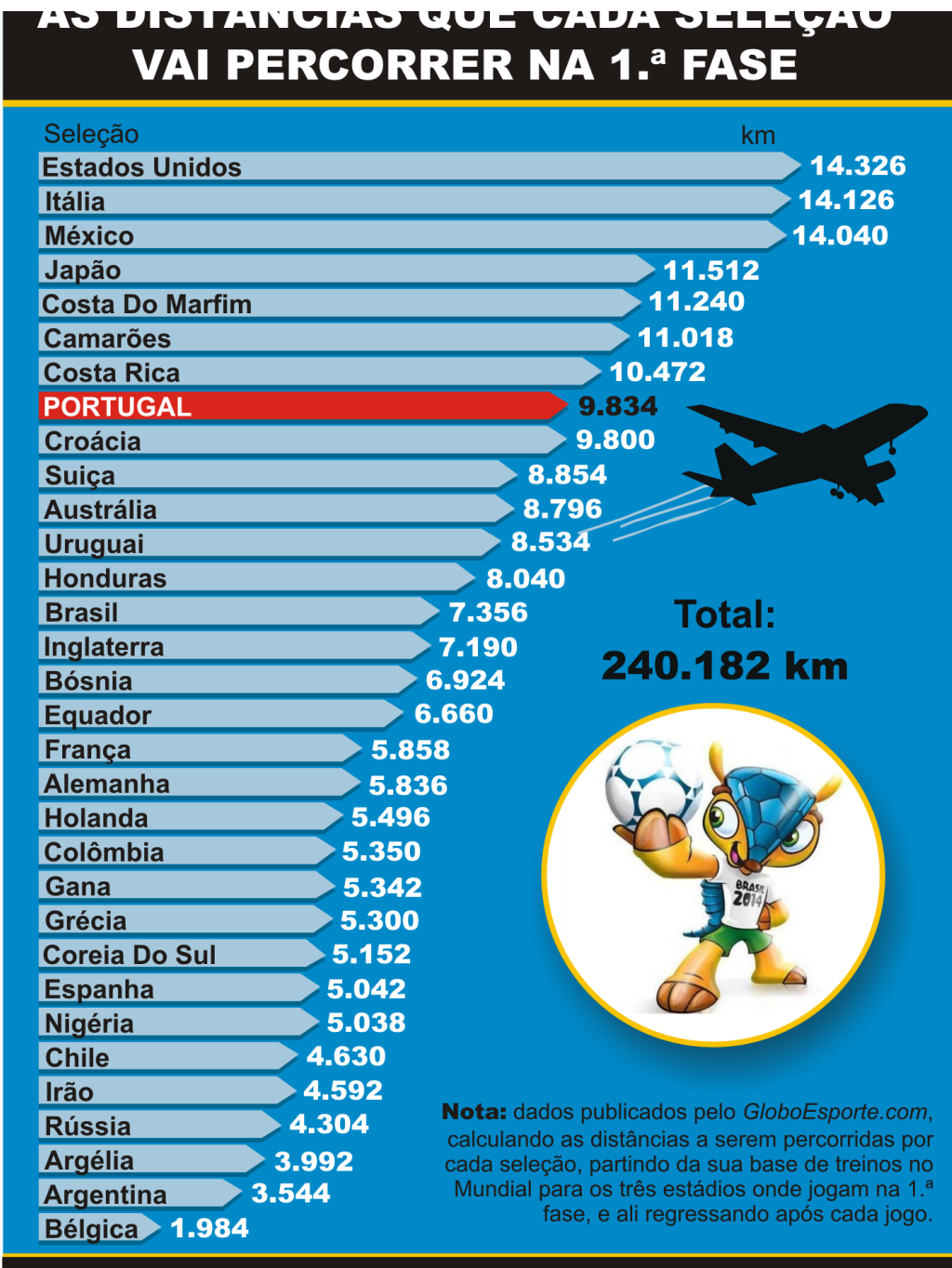
Quando, em fevereiro deste ano, se realizou o Seminário Técnico do Mundial, em Florianópolis, vários treinadores aproveitaram para expressar a sua apreensão. Entre eles, contou-se o português Fernando Santos, responsável pela seleção da Grécia: “Não é um Mundial num país; é um Mundial num continente”, sublinhou Santos, já então preocupado por ter de jogar em Fortaleza e no Natal, a três horas de viagem aérea do local de base da equipa helénica. Como Fernando Santos, outros expressaram o seu desacordo face à situação,

como Louis van Gaal (Países Baixos) e Vicente del Bosque (Espanha). Nesta altura, será ainda cedo para avaliar o impacto desta situação no resultado do Mundial, mas a situação deve considerar-se inédita, de uma exigência única no futebol altamente profissionalizado dos nossos dias. Os jogadores são, agora, maratonistas, corredores de fundo. Ganhará quem melhor souber poupar-se para os metros finais?

O “DESCANSO” DA BÉLGICA

Se tudo se decidisse a partir dos quilómetros percorridos e do desgaste implicado (a recuperação muscular, e não só, dificilmente se faz a bordo de um avião ou de um autocarro), seria fácil adivinhar a ponta final desta maratona. Porém, de facto, o futebol é imprevisível. Certo é que ninguém está, no Brasil, tão folgado como a Bélgica, se tivermos em conta apenas a primeira fase da competição. Os belgas são os que andam menos pelo território: cabeças-de-série no Grupo H, percorrem um pouco menos de 2000 quilómetros para jogarem em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro e em São Paulo, contando, claro, com os regressos à sua base, situada em Mogi das Cruzes (São Paulo). Argentina, Argélia, Rússia, Irão e Chile também tiveram alguma sorte neste programa de vai e vem, todos com distâncias a percorrer que não chegam aos 5000 quilómetros.

Em sentido contrário, ninguém terá razões para ficar tão exausto com as viagens como



as seleções dos Estados Unidos (14 326 km), de Itália (14 126 km) e do México (14 040 km)! Japão, Costa do Marfim, Camarões e Costa Rica também não tiveram muita sorte, todos acima dos 10 000 km... Mesmo não levando isto à letra, não deixará de ser curioso comparar o cenário com os resultados destas seleções...

Não se pense, face às viagens dos Estados Unidos, adversário de Portugal, que isso pode beneficiar a seleção lusitana: a equipa das quinas também é um dos mais viajantes do Mundial, e no seu grupo está logo a seguir aos norte-americanos, com 9834 quilómetros, bem acima dos 5836 da Alemanha e dos 5342 do Gana.

MÉXICO E AUSTRÁLIA

Um caso interessante, no que às quilómetros diz respeito, é o do México. Tendo

em conta os jogos a fazer na primeira fase, os mexicanos até tinham sido beneficiados, sendo uma das seleções menos viajantes. Porém, face à escolha do local de treinos e aos jogos a fazer, o México acabou por ser uma das que mais quilómetros terá de fazer, exatamente a terceira, apenas atrás de Estados Unidos e Itália. Os mexicanos escolheram Santos como sede, mas jogam bastante mais longe (Natal, Fortaleza e Recife). E da sua sede para o aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, são 102 quilómetros...

Na verdade, a maior parte das comitativas escolheu centros de treino na região sueste (24 entre 32 seleções, com relevo para o estado de São Paulo), e é a partir daí que viajam para os locais dos jogos, regressando à base após o final.

Além dos quilómetros a percorrer em ter-

Os cinco maiores

Brasil é um continente, diz-se como explicação para as distâncias que as equipas terão de percorrer. Trata-se do quinto maior país do mundo, e organiza um Campeonato Mundial de Futebol pela segunda vez. Da primeira, em 1950, o número de sedes foi menor. Desta vez, não foi assim, o que tornou este o Mundial com maiores deslocações de sempre. Quem são os outros quatro países maiores do que o Brasil? Rússia – O maior país do mundo, com mais de 17 milhões de quilómetros quadrados, nunca organizou um Mundial de futebol. Está previsto fazê-lo em 2018 e, convenhamos, há a possibilidade forte de concorrer,

em quilometragem, com a prova do Brasil... Canadá – Com uma extensão acima dos 10 milhões de km², é um país com pouca tradição no mundo do futebol, e nunca organizou a prova. Estados Unidos – Terceiro maior país do mundo, também acima dos 10 milhões de km², recebeu o Mundial em 1994. Os jogos foram distribuídos por nove cidades, mas a FIFA evitou a marcação de partidas de cada grupo em cidades muito distantes. China – O quarto maior país do mundo, igualmente com mais de 10 milhões de km², tem fraca tradição no futebol e nunca organizou a prova.

ritório brasileiro, as seleções têm também de contar com a viagem necessária para chegar ao país do Mundial. Neste pormenor, merece destaque a Austrália, protagonista da deslocação mais longa até terras de Vera Cruz: mais de 13 500 quilómetros, desde Sydney a Curitiba, passando pela Nova Zelândia e pelo Chile (Santiago). Também foi a primeira comitiva a chegar ao Brasil, a 28 de maio.

O CALOR DE MANAUS

Não são apenas os quilómetros que estão em causa no Mundial 2014, uma prova para verdadeiros maratonistas. Em cima da mesa têm de estar, inevitavelmente, outros dois fatores: as temperaturas locais, que no Brasil têm especificidades muito próprias, e o desgaste já transportado pelos jogadores, adquirido no decorrer da época desportiva.

Neste último aspeto, Portugal deve ter algumas preocupações, sobretudo relativamente aos jogadores do Real Madrid (que prolongaram a época até à final da Liga dos Campeões), mas não tem um grupo tão desgastado como, por exemplo, a Alemanha: não contando com os jogos de preparação, do lote de Paulo Bento apenas seis têm mais de 3000 minutos de utilização, e só Pepe e Ronaldo têm mais de 4000, enquanto na Alemanha há sete jogadores com mais de 4000 minutos. Fazer o Mundial completo acrescentará ainda mais dez horas e 30 minutos!

Outro fator a considerar, e este certamente não menos importante do que os anteriores, é o do clima e da variação de temperaturas. Num país tropical, já se sabe: alta humidade e muito calor. Porém, numa altura em que o Brasil entra no inverno, a variação pode ser grande de cidade para cidade (frio em Porto Alegre e Curitiba, calor no noroeste e na Amazônia). De Salvador, com uma média de 25 graus em junho/julho, a seleção nacional passa para Manaus, onde poderá encontrar perto de 40 graus e níveis de humidade superiores a 80 por cento! Regressa depois aos mais amenos 25

graus, em Brasília. É em plena Amazônia que os comandados de Paulo Bento encontrarão, pois, as condições mais exigentes, e a merecer maior atenção.

Num livro publicado em 2010, intitulado *Calor, Fadiga e Exaustão*, o médico Basil Ribeiro (mestre em Medicina Desportiva, passou por clubes como FC Porto e Benfica) associa a fadiga e a exaustão a situações de calor exagerado: “O aumento da temperatura nos músculos pode contribuir para o início precoce da fadiga”, diz, explicando como, daqui, se chega à exaustão.

Todos os estudos em medicina desportiva alertam, aliás, para os cuidados a ter com o calor. Por isso, os jogos na Amazônia (Arena Amazônia, em Manaus) merecem particular atenção no calendário global deste campeonato: Inglaterra–Itália, Camarões–Croácia, Estados Unidos–Portugal e Honduras–Suíça.

SACRIFÍCIO ATÉ AO FIM

O impacto não se registará, porém, apenas na primeira fase. Bem vistas as coisas, para algumas seleções não será benéfico, por exemplo, ganhar todos os jogos... Se for primeiro no seu grupo, e depois chegar à final, o Brasil percorrerá cerca de 21 mil quilómetros de avião em menos de um mês; se for outra seleção a vencer esse Grupo A, ficará condenada a fazer um pouco mais para chegar à meia-final!

Uma leitura de todos estes dados leva-nos a olhar com outros olhos para a grande competição que já se disputa no Brasil. Nem sempre é apenas o talento dos jogadores que está em jogo. Há uma frase do holandês Louis van Gaal, quando do seminário em Florianópolis, que é disso bem elucidativa. O técnico recordou o Mundial na África do Sul, em que a sua Holanda foi finalista derrotada: “Chegámos ao vice-campeonato em 2010 com jogadores como Robben completamente extenuados. Em condições normais, ele nunca perderia um golo daqueles no prolongamento.” No Brasil, não há condições normais.

J.V.